

**Título** Ernesto Neto tece uma caravela de crochê em ato de imagina o futuro  
**Data** 03 de Junho de 2024  
**Evento** Nosso Barco Tambor Terra

**Publicação** Folha de São Paulo  
**Autor** Alessandra Monterastelli  
**Artista** Ernesto Neto

C4 SEGUNDA-FEIRA, 3 DE JUNHO DE 2024

FOLHA DE S. PAULO

ilustrada

## Ernesto Neto tece uma caravela de crochê em ato de imaginar o futuro

Artista faz uma provocação sobre herança colonial na costa onde as primeiras naus portuguesas içaram velas rumo ao Brasil

Alessandra Monterastelli

LISBOA. Há cinco séculos, a torre de Belém vigia o ir e vir das águas do Tejo pouco antes do rio virar mar na costa de Lisboa. O forte de pedras desbotadas e brasões nacionalistas testemunhou o desgarçar da história quando caravelas portuguesas dedicaram o porto para abrir caminhos no oceano e feridas incuráveis na África e nas Américas. Ali, às margens do Tejo, o artista Ernesto Neto diz ter visto os espíritos dos navios que se lançaram ao "Mar Tenebroso", com uma conhecida o Atlântico. "Via boca do oceano, o abismo para o Atlântico", diz a jornalista, enquanto engole um pastel de nata.

Nem a procura do creme cuidadosamente confeitado mitiga o desconforto dos brasileiros que dão de cara com o Padrão dos Descobrimentos, monumento em homenagem aos navegantes que, cruzada a linha do Equador, eram colonizadores. Muitas naus se tornaram navios de tráfico de escravizados, ainda que esse tipo de embarcação não seja lembrada no Museu da Marinha, a poucos metros da torre. O Observador da Praia do Atlântico que invade a baía divide a atmosfera com memórias dolorosas. Por isso, quando foi convidado a criar uma instalação no Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, o Maat, que disputa a atenção dos turistas no mesmo calçadão que a velha torre e o Padrão dos Descobrimentos, o artista já sabia o que fazer.

Um barco. Mas como? Construiu uma enorme estrutura de 4,5 metros colorida feita de crochê. "Meu Barco Tambor Terra" é como uma espécie de tenda monumental, que se sustenta pelo contrapeso de esteras penduradas em suas extremidades pelo teto — que mais parecem gotas.

Se vivemos em uma sociedade desequilibrada, Netotrabalha com o equilíbrio, tática que diz ter aprendido com os camelôs eventadores ambulantes, que ele considera seus mestres, nas praças cariocas.

As tendas móveis que carregam mercadorias diversas ou os ombres que equilibram o mure de um lado, o suco de limão do outro, e alguns biscoitos por fios, fazem parte do trânsito caótico da cidade tropical. "No final do dia, eu vivo de fazer laços e encher bolhas. Com essa estratégia, posso criar muitas coisas", diz.

No seu interior, a nave parece uma floresta imaginária. Instrumentos musicais presos na teia de crochê convidam quem passeia por ali a tocar música, enquanto o cheiro das ervas essenciais que recheiam as bolsas pendentes inunda o ambiente.

A obra demonstra dois anos para ser concluída. "O crochê funciona em espiral, começa de dentro e vai para fora. São nós e círculos que se expandem. Tudo no universo está em interação, é a simbiose total. Entrar e sair, respirar e inspirar, é tudo vivo e conectado", diz o artista, que aprendeu a tricotar com a avó. "Se todos fizessem uma hora de crochê pela manhã, o mundo seria melhor. Precisa de concentração, concordo com você mesmo e tudo em volta. É digno". A música e a dança são es-

senciais para ativar a sua obra.

"A batéria representava para a Europa antiga o Diabo. Mas buscar é limpar, é uma prece", argumenta o artista plástico. Neto aprendeu o ritmo observando festas populares e cerimônias ritualísticas indígenas. "O batuque é algo muito forte para culturas africanas. Não é sobre culpa, é sobre propor um futuro".

Se no mundo das artes os limites entre público e obra foram desafiados por nomes como Lygia Clark, Lygia Pape e Hélio Oiticica, Neto defende que a interação é um movimento natural ao brasileiro. "pelas heranças culturais dos povos indígenas e africanos".

"Numa roda de samba uma galera toca, outra dança, todos cantam e dançam. Em cerimônias indígenas, têm uma fogueira no meio, uma galera dançando em volta, todo mundo junto", ele compara. Foi a conexão com os povos indígenas que levou Neto a abdicar do poliéster e outros tecidos derivados do plástico, materiais que o artista usava quando ganhou reconhecimento mundial ao apresentar seu trabalho na Bienal de Veneza em 2009 — onde fez enormes bolas perfumadas penderem do teto no pavilhão brasileiro.

Além da multidão de turistas nos bondinhos que serpenteiam para cima e para baixo, castelos medievais com desenhos árabes de quando ainda era Al Ushbana e nas ruínas do que foi destruído pelo terremoto de 1755, Lisboa também é agitada por brasileiros que decidem fazer da cidade o seu lar — fluxo em ascensão nos últimos anos que tem provocado a ira de grupos anti-imigração em Portugal.

Videos nas redes sociais de portugueses que hostilizam brasileiros não são incomuns. Alguns chegam a reclamar que suas crianças estão assistindo a muitos youtubers brasileiros e aprendem a falar o português "errado". Em meio às hostilidades, o ministro das Finanças do país, Fernando Medina, afirmou que os brasileiros têm sido fundamentais para a economia de Portugal.

Em abril, o presidente Marcelo Rebelo de Sousa foi criticado após defender a necessidade de o país reputar seus crimes de escravidão e de liderar o processo de reparação às ex-colônias. "Aqui em Portugal as pessoas nem sabem direito o que aconteceu. Nas escolas não ensinam, e nas nossas escolas o ensino é errado", afirma Neto.

Na visão do artista, a história catastrófica continua a acontecer. "A polícia entra na favela [no Brasil] e faz um escudo, mata gente e nada acontece. Invadem as terras indígenas, que já são poucas em relação ao que já foram, e nada acontece. A tragédia histórica não está só lá atrás, mas está acontecendo hoje. Estamos perdendo tempo de não absorver as sabedorias indígenas e africanas", ele diz.

Nesse ponto, a nova obra em Lisboa, segundo o artista, não tem a pretensão de reparar a colonização violenta, mas de pensar um futuro melhor.

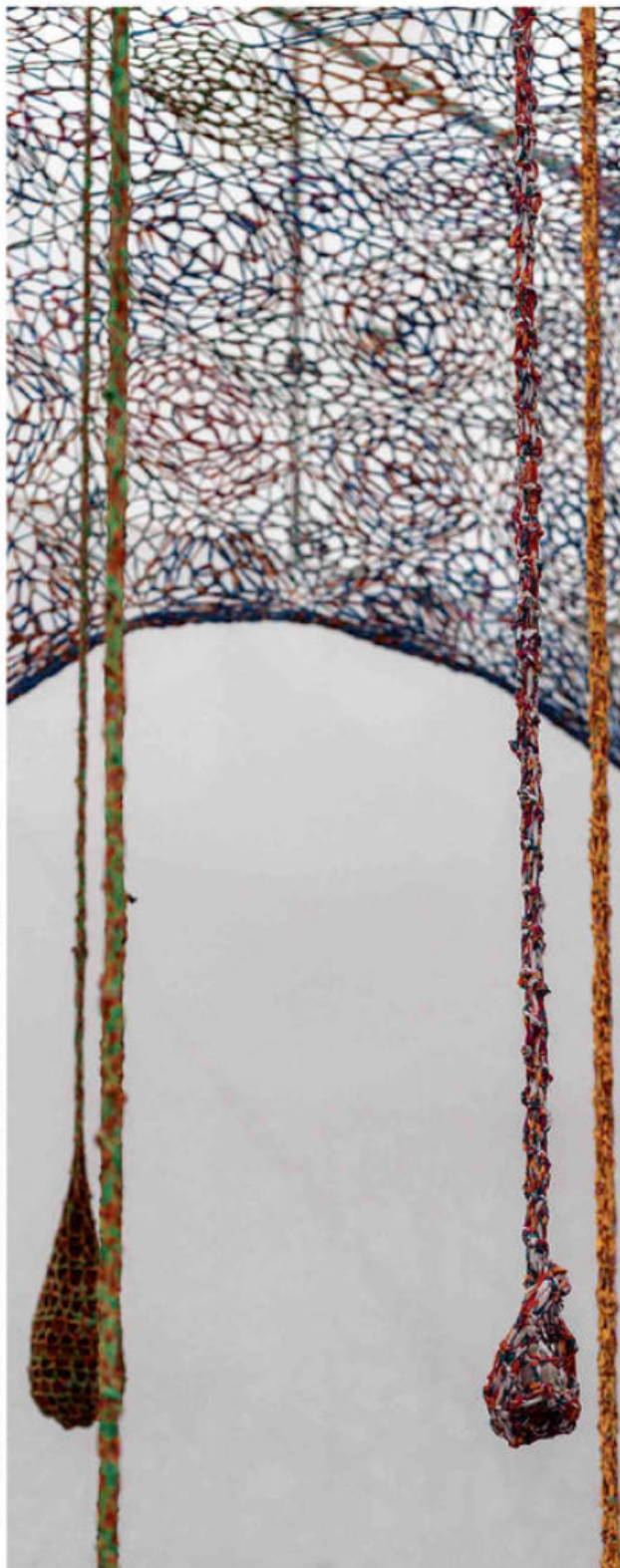
A jornalista visita a cidade do Maat.

**Meu Barco Tambor Terra**

Maat - ao Brasil, 1300-188, Lisboa

De quarta a segunda, das 10h às

19h. De 6 a 12. Alé 7 de outubro



Detalhe da obra 'Meu Barco Tambor Terra', de Ernesto Neto, no Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, em Lisboa

Renata Lindy, Portugal/PA